

A EXPRESSÃO DO CORPO PELA CONDUTA MOTORA ORAL: UMA QUESTÃO DE GÊNERO.

Julia Gonçalves Feitosa¹

Elaine Romero²

Resumo: O objetivo deste estudo foi verificar se as questões de gênero influenciam a decisão dos responsáveis por crianças de 4 a 6 anos, com distúrbios na conduta motora oral, a buscarem auxílio da Fonoaudiologia. A metodologia escolhida insere-se no paradigma fenomenológico, fazendo uso da abordagem qualitativa. Participaram da investigação quarenta e oito sujeitos, sendo doze meninos, doze meninas e vinte e quatro responsáveis pelos mesmos. Os instrumentos empregados com as crianças foram: uma despistagem fonética/fonológica e uma entrevista sobre a construção do gênero acompanhada por uma caixa de brinquedos; com os responsáveis, o instrumento utilizado foi uma entrevista semi-estruturada. A despistagem revelou que todas as crianças avaliadas apresentavam distúrbios articulatórios. A entrevista acompanhada pela caixa com brinquedos indicou que elas escolheram os brinquedos culturalmente considerados adequados ao seu sexo. Os dados revelaram também que os responsáveis pelas crianças do estudo são influenciados pelas questões de gênero a buscarem auxílio da Fonoaudiologia prioritariamente e predominantemente para os meninos. Isso nos remete à escola, principalmente, quando as atividades recreativas permitem ao professor de Educação Física contribuir na formação da imagem corporal do seu aluno e ainda favorecer o desenvolvimento da motricidade fina infantil.

Palavras-chave: Conduta motora – Gênero – Fonoaudiologia – Distúrbios articulatórios – Educação Física

INTRODUÇÃO

Desde muito cedo, ainda no período gestacional, o ser humano que ali começa a se desenvolver, recebe tratamento social diferenciado, quer seja pelo “diálogo” dos pais com o futuro bebê, quer com as expectativas segundo o sexo da criança que vai nascer. Os meninos não terão no seu enxoval uma única peça cor de rosa; ele vestirá azul para ser rapidamente identificado e valorizado. Por outro lado, as meninas serão imersas em mar de “rosas”, sugerindo toda a sua delicadeza e fragilidade.

É generalizado pelo senso comum, que os me-

ninos têm que ser fortes, ativos; corajosos e dominantes, seus corpos podem tudo, o seu espaço é público e irrestrito. Em contra partida, as meninas têm corpos frágeis, são dóceis, meigas e dependentes, repletas de restrições; seu espaço é privado e muito controlado.

No decorrer do desenvolvimento infantil, os meninos são encorajados à prática das atividades motoras amplas, como os jogos de bola, corridas, escaladas e esportes competitivos. As meninas recebem incentivos para práticas que envolvem mais a motricidade fina, como, por exemplo, colorir,

1. Mestranda em Ciência da Motricidade Humana / Universidade Castelo Branco /RJ – PROCIMH/LEGEMH - Docente da Universidade Estácio de Sá

2. Doutora - Universidade Castelo Branco / RJ - PROCIMH/LEGEMH

montar colares com contas, fazer tranças nos cabelos das bonecas, preparar comidinhas e falar. Elas são estimuladas a exercitar a expressão oral ao simbolizarem nas brincadeiras, atividades domésticas e maternagem, interagindo com brinquedos nas brincadeiras de casinha com suas bonecas.

Essas questões foram confirmadas em estudos recentes. Spinelli (2003) investigou a construção do gênero em meninos e meninas de 8 e 9 anos, em uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro, a partir dos estereótipos culturais, que se manifestavam através de brinquedos e brincadeiras. Seus resultados conclusivos apontaram que as crianças escolhem os brinquedos e as brincadeiras culturalmente tidos como adequados ao seu sexo. Em estudo semelhante, em distinta realidade escolar, Romero, Dutra e Oliveira (2003) encontraram resultados próximos ao de Spinelli, o que sugere uma construção bipolarizada, segundo o sexo da criança.

Tais crenças favorecem uma modelagem corporal tendenciosa, pois propiciam experiências diferentes para meninos e meninas. Futuramente elas serão fatores determinantes no comportamento e na expressão de seus corpos, reproduzindo assim as desigualdades vividas.

É fato que o corpo possui diferenças sexuais determinadas biologicamente, contudo, as características de cada indivíduo não estão ligadas somente ao sexo, mas sim a fatores como o meio sócio-cultural, a família, a escola e a situação econômica, entre outros. Este ponto de vista é de grande importância para o entendimento das relações de gênero.

No entender de Mondin (1980) o homem não é somente um ser natural, mas cultural. Ele não é resultado apenas de uma natureza, mas também de uma história de vida, sendo a cultura o amálgama entre elas. Assim posto, entendemos

que a sociedade estabelece rótulos discriminatórios aos indivíduos de acordo com sua classe, etnia e sexo, gerando assim comportamentos estereotipados.

Dessa forma, vivemos uma cristalização expressa na construção das práticas masculinizantes e feminilizantes; uma questão suscitada pelas relações de gênero, num paradigma sócio-cultural que foi estabelecido para meninos e meninas historicamente ao longo da existência humana.

Entre os responsáveis por essa transmissão encontramos a escola, que segundo Pereira (2004), produz e reproduz em seu cotidiano as ações que separam e demarcam o que é considerado socialmente como pertencente ao mundo feminino e ao mundo masculino.

Crianças que apresentam distúrbios articulatórios na conduta motora oral comprometem a inteligibilidade da fala, tornando a comunicação, um verdadeiro desafio. Segundo Biddulph (2002) é possível encontrar de quatro a cinco crianças que não falam bem, em quase todas as salas de aula. E entre elas, os meninos superam as meninas na proporção de quatro para um.

O autor relata que toda criança se beneficia de jogos de aprendizagem, mas para os meninos, é uma medida preventiva, porque eles são predispostos a se expressarem oralmente de forma mais restrita, apresentando possíveis alterações na fala se não forem devidamente estimulados. Afirma também que os meninos têm um desenvolvimento cerebral mais lento, afetando a coordenação motora fina.

Condições ambientais favoráveis como nível sócio-econômico e estimulação adequada podem contribuir à obtenção e ao desenvolvimento das aprendizagens da criança, e a falta destas é variável predisponente às desordens da comunicação.

¹ O termo “ente” aparece na Filosofia de M. Heidegger para designar um ser que corresponde, exclusivamente, à existência concreta do Ser Humano.



Beals (1997) nos fala da importância das situações de conversa na família para a aquisição de vocabulário e sua respectiva correta produção. A criança aprende através do convívio com outras pessoas. Nesse sentido, Romero (1995) enuncia que o adulto tem a preocupação de preparar a criança para o “mundo adulto”.

Segundo Beresford (2000, 2004) é nesse convívio que ela se fará presente, com um significado especial, tornando-se o ente¹ do Ser do Homem, um ser concreto, aberto para milhões de possibilidades existenciais, embora, sempre repleto de carências enquanto houver intencionalidade operante de alguma conduta motora ou comportamento motor, pressupostos da Ciência da Motricidade Humana (BELTRÃO; BERESFORD; MACÁRIO, 2002).

Nessa articulação, é possível se estabelecer a inserção da Fonoaudiologia no contexto dessa Ciência, pois a fala, é uma das condutas motoras do Homem. Reforçando essa idéia evocamos Merleau-Ponty (1999), quando refere que a fala é um dos usos possíveis do corpo. Esse corpo, que não é apenas biológico, está situado e circunscrito em um determinado contexto sócio-cultural, portanto, generificado.

Podemos encontrar na literatura, estudos acerca de gênero através dos quais é possível creditar à socialização como instrumento da construção sócio-cultural dos sujeitos femininos e masculinos. Com uma contribuição inovadora ao tema, Scott (1995, p.86) conceitua o gênero como sendo “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

Segundo Saffioti (1992, p.187) cada sexo, que é biológico, escolhe e constrói seu gênero, lançando mão dos termos sociais disponíveis. “Tais indivíduos (homens e mulheres) são transformados, através das relações de gênero, em homens e

mulheres. O tornar-se homem e o tornar-se mulher, porém, constituem obra das relações de gênero”.

Complementando a idéia, Louro (2001) declara que não há pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas sim enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas.

Com pensamento similar, Belotti (1985) e Romero (1990) defendem a tese em que a tradicional diferença de caracteres entre macho e fêmea não é devida a fatores congênitos, e sim, aos condicionamentos culturais e históricos dentro dos quais é educada.

Assim considerando, a pressão do meio social em que a criança está inserida, a partir dos valores culturais e sociais, são determinados não somente, como o corpo deve se expressar, mas também, como a comunicação, através da fala, irá se desenvolver.

Segundo Romero (1995, p.241) “é na família que esse processo se inicia, competindo aos pais a decisão sobre quais atitudes são adequadas ou não a seus filhos, segundo o sexo”. Através das práticas masculinizantes e feminilizantes, o processo educacional da criança ao longo de seu desenvolvimento, constrói hábitos corporais que influenciam a corporeidade e a motricidade diferentemente, e, conseqüentemente, tornando um sexo mais apto do que o outro em determinada atividade.

Pereira (2004) sublinha que a criança é influenciada pela escola que por sua vez, desempenha um papel importante no processo de socialização iniciado no ambiente familiar, seja permitindo manifestação seja reforçando os estereótipos de gênero.

Destarte, investigar a influência dessa constru-

ção corporal investida pelos indivíduos que cercam a criança, principalmente, nos seus primeiros anos de vida, sob a ótica da construção do gênero, é uma possibilidade desafiadora. Através da Ciência da Motricidade Humana é possível pesquisar as condutas motoras do Homem, dentre elas, a fala, área também comum a Fonoaudiologia.

A prática profissional de dez anos na área da Fonoaudiologia de uma das autoras permitiu reunir ao longo desse tempo, dados relevantes. Entre os 332 casos atendidos no período, os meninos representaram a maioria, ou seja, 92% dos casos atendidos em clínica e consultórios.

Destacamos ainda que durante o V Congresso Internacional de Fonoaudiologia, na cidade de Fortaleza em Outubro de 2003, entrevistamos 51 fonoaudiólogas com cinco ou mais anos de atuação, de diversas localidades do Brasil. As informações reunidas revelaram que todas as profissionais também atenderam mais meninos do que meninas em clínicas e consultórios durante suas atividades profissionais.

Diante do exposto, o objetivo geral do presente estudo foi verificar se as questões de gênero influenciam a decisão dos responsáveis por crianças de 4 a 6 anos, com distúrbios articulatorios, na conduta motora oral, a buscarem auxílio da Fonoaudiologia. Subtendemos que a hipótese substantiva esteja circunscrita e de acordo com este objetivo.

Desdobrando o propósito maior do estudo os objetivos específicos foram: a) verificar que as crianças de 4 a 6 anos participantes do estudo apresentavam distúrbios articulatorios, na conduta motora oral; b) identificar nas respostas das crianças de 4 a 6 anos, na educação infantil, em duas escolas da rede privada de ensino, no município do Rio de Janeiro, indicativos da construção do gênero, a partir da justificativa da escolha

de brinquedos; c) identificar as questões de gênero no discurso dos responsáveis investigados, participantes do estudo; d) desvelar se as questões de gênero influenciam a decisão dos responsáveis buscarem auxílio da Fonoaudiologia.

MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, pois, segundo Gamboa (1995), o modelo qualitativo busca alastrar as possibilidades de analisar e perceber os fenômenos sociais, em vez de fechar ou concluí-los.

Para esta empreitada seguimos as normas regulamentadoras da pesquisa para seres humanos, Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, Decreto nº 93.933 de 14 de janeiro de 1987.

Tomaram parte da pesquisa o total de quarenta e oito sujeitos, sendo vinte e quatro crianças; doze meninos e doze meninas, com idade entre 4 e 6 anos, frequentadoras de creche ou educação infantil, da rede privada de ensino, oriundas de diferentes classes sociais, que foram escolhidas mediante critérios de inclusão a saber: a) não serem portadoras de deformidades ou alterações orgânicas nos órgãos fono-articulatorios; b) serem indicadas pela professora por apresentar, na percepção dela, alterações na fala; c) estarem devidamente autorizadas pelo responsável, para participar como respondente do estudo. Além das crianças participaram vinte e quatro responsáveis (pai/mãe/avó ou outro responsável direto).

Com relação à faixa etária das crianças foram coletados dados de quatro meninos e quatro meninas em cada uma das seguintes faixas etárias: de 4 anos a 4 anos e 11 meses, de 5 anos a 5 anos e 11 meses e de 6 anos a 6 anos e 11 meses. Foram duas as razões para esta escolha; a primeira, porque nessas faixas etárias ocorrem as maiores

² Instrumento de avaliação, que embora de tamanho reduzido, garante os mesmos critérios investigativos do original.



incidências dos distúrbios articulatorios; a segunda, porque segundo Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991) e Silvério *et al* (1995) os últimos sons de nosso idioma são adquiridos em média aos cinco anos de idade.

A escolha das duas unidades educacionais foi feita aleatoriamente entre as que ofereciam creche e/ou educação infantil, na rede privada. Uma delas está localizada na Barra da Tijuca e a outra em Campo Grande, ambas na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro.

A proposta do estudo foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Castelo Branco/RJ, e os três instrumentos foram devidamente validados por um grupo de cinco juízes. O primeiro instrumento aplicado às crianças foi uma despistagem² do exame REALFA (Faria, 1994); recurso de triagem na identificação dos distúrbios articulatorios, que é composto por um fichário evocativo com 25 figuras em preto e branco e protocolo de registro. Sua escolha se deu por ser um instrumento reconhecido pela Fonoaudiologia, capaz de mapear todas as ocorrências dos sons da língua portuguesa.

O segundo instrumento foi uma entrevista estruturada aplicada às crianças composta por quatro perguntas sobre a construção do gênero, sendo que acompanhando a aplicação das três últimas questões utilizamos uma caixa com três brinquedos. Entre esses, um tradicionalmente considerado brinquedo de menino (carrinho de fricção/fusca de polícia), um de menina (boneca, tipo Barbie) e um neutro (telefone celular com teclas sonoras). Os brinquedos foram selecionados com base nos resultados do estudo de Spinelli (2003), além de contemplarem o rol daqueles indicados pelo senso comum como masculinos, femininos e neutros. O uso da caixa teve como finalidade averiguar a escolha da criança e o porque a um determinado brinquedo.

A entrevista foi um meio eficaz para avaliar-

mos se as crianças têm preferência por algum tipo de brinquedo, como também investigar, a partir da análise das respostas a presença dos aspectos educacionais e culturais introjetados pelo discurso de seus responsáveis.

O terceiro instrumento foi uma entrevista semi-estruturada, com sete perguntas destinadas aos responsáveis, versando sobre a construção do gênero e suas implicações, na decisão dos mesmos buscarem auxílio da Fonoaudiologia.

Tais questões buscaram compreender de forma mais ampla, o gênero exigindo uma legitimação, que perpassa a simples divisão de papéis impostos pela sociedade. Gênero é uma identidade aprendida, vivenciada, experimentada, internalizada como um sentimento, e, por isso, desde cedo a criança aprende a ser homem ou mulher num processo de generificação.

Para a coleta de dados inicialmente visitamos as unidades educacionais, apresentando a proposta aos dirigentes. Tão logo obtivemos a autorização ao seu desenvolvimento, distribuimos o Termo de Livre Consentimento Esclarecido – TLCE, solicitando aos professores que os encaminhassem aos responsáveis pelas crianças eleitas, de acordo com os critérios anteriormente mencionados.

Posteriormente, fizemos o agendamento do dia e horário para a coleta de dados com os responsáveis. Pedimos que este momento fosse, preferencialmente, para a semana imediatamente posterior à entrevista da criança. Recolhemos os TLCE de todos os participantes do estudo e, assim feito, realizamos as entrevistas com as crianças.

No desenvolvimento da pesquisa tomamos o especial cuidado para que os instrumentos fossem aplicados em espaço reservado indicado pela instituição. Esse espaço permitiu a coleta de dados individualmente, com cada criança e com cada um dos seus respectivos responsáveis. Todas as respostas, com o devido consentimento, foram gravadas.

Os dados relativos a despistagem fonética/fonológica foram registrados em protocolo próprio. A instrução dada foi: “eu vou mostrar algumas figuras e você vai me dizer o nome delas, tá bom? O que é isso?” E assim sucessivamente até a última gravura. Quando a criança pronunciava a palavra incorretamente tínhamos um resultado alterado; esses foram transcritos foneticamente na folha de protocolo.

A seguir com a criança, fizemos a primeira das quatro perguntas da entrevista estruturada e logo após apresentamos a caixa de brinquedos, necessária para aplicação das outras três questões. Todas as respostas foram gravadas. A gravação em fita de áudio, teve como objetivo, não somente registrar os aspectos da produção motora oral espontânea das crianças, bem como, conhecer a percepção de cada uma delas em relação aos brinquedos manuseados e escolhidos

No próximo passo detivemo-nos com os responsáveis, aplicando a entrevista semi-estruturada, composta por sete perguntas. Tal qual procedemos em relação às crianças, também gravamos todas as respostas, com a devida autorização. No entendimento de Triviños (1987, p. 148) “a gravação permite contar com todo o material fornecido pelo informante, o que não ocorre com outro meio”. As respostas reportaram-se à Análise de Discurso preconizada por Orlandi (2003).

Com relação ao tempo dispendido à despistagem e à entrevista com as crianças demandou entre quinze e vinte minutos. Com os responsáveis, a entrevista levou em média cinco minutos. a decisão sobre quais atitudes são adequadas ou não a seus filhos, segundo o sexo”. Através das práticas masculinizantes e feminilizantes, o processo educacional da criança ao longo de seu desenvolvimento, constrói hábitos corporais que influenciam a corporeidade e a motricidade diferentemente, e, conseqüentemente, tornando um sexo mais apto do que o outro em determinada atividade.

Pereira (2004) sublinha que a criança é influenciada pela escola que por sua vez, desempenha um papel importante no processo de socialização iniciado no ambiente familiar, seja permitindo manifestação seja reforçando os estereótipos de gênero.

Destarte, investigar a influência dessa construção corporal investida pelos indivíduos que cercam a criança, principalmente, nos seus primeiros anos de vida, sob a ótica da construção do gênero, é uma possibilidade desafiadora. Através da Ciência da Motricidade Humana é possível pesquisar as condutas motoras do Homem, dentre elas, a fala, área também comum a Fonoaudiologia.

A prática profissional de dez anos na área da Fonoaudiologia de uma das autoras permitiu reunir ao longo desse tempo, dados relevantes. Entre os 332 casos atendidos no período, os meninos representaram a maioria, ou seja, 92% dos casos atendidos em clínica e consultórios.

Destacamos ainda que durante o V Congresso Internacional de Fonoaudiologia, na cidade de Fortaleza em Outubro de 2003, entrevistamos 51 fonoaudiólogas com cinco ou mais anos de atuação, de diversas localidades do Brasil. As informações reunidas revelaram que todas as profissionais também atenderam mais meninos do que meninas em clínicas e consultórios durante suas atividades profissionais.

Diante do exposto, o objetivo geral do presente estudo foi verificar se as questões de gênero influenciam a decisão dos responsáveis por crianças de 4 a 6 anos, com distúrbios articulatórios, na conduta motora oral, a buscarem auxílio da Fonoaudiologia. Subtendemos que a hipótese substantiva esteja circunscrita e de acordo com este objetivo.

Desdobrando o propósito maior do estudo os objetivos específicos foram: a) verificar que as

crianças de 4 a 6 anos participantes do estudo apresentavam distúrbios articulatórios, na conduta motora oral; b) identificar nas respostas das crianças de 4 a 6 anos, na educação infantil, em duas escolas da rede privada de ensino, no município do Rio de Janeiro, indicativos da construção do gênero, a partir da justificativa da escolha de brinquedos; c) identificar as questões de gênero no discurso dos responsáveis investigados, participantes do estudo; d) desvelar se as questões de gênero influenciam a decisão dos responsáveis buscarem auxílio da Fonoaudiologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para dar início aos resultados e discussão tivemos em conta a necessidade de desvelar os achados, buscando laços teóricos articulados com dados empíricos, que pudessem dar sustentação à conjectura de que as questões de gênero, influenciam a decisão dos responsáveis por crianças de 4 a 6 anos, com distúrbios articulatórios, na conduta motora oral, que buscam auxílio da Fonoaudiologia.

Na análise das entrevistas recorremos a duas estratégias. Para as crianças, em virtude dos resultados não se constituírem em discursos consistentes, trabalhamos as respostas sob uma dimensão interpretativa, característica deste estudo. Pelos dados colhidos pudemos verificar como os aspectos educacionais e culturais são marcantes, pois as crianças introjetam o discurso do adulto (pai, mãe, professora, tia, avó, etc.), repetindo esses discursos como normas a serem seguidas.

Com os responsáveis, a estratégia de análise dos discursos pautou-se nos estudos de Orlandi (2003), que explana não ser possível evitarmos a linguagem e a análise de discurso, pois que ambas vão nos colocar em estado de reflexão para desta forma, sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem.

A autora enfatiza que a análise de discurso, não trata da língua nem da gramática, mas sim do discurso, que é a forma prática da linguagem. É pelo estudo do discurso que se torna presente à possibilidade de observar o Homem no contexto sócio-histórico.

Os resultados com as crianças se reportam à despistagem fonética/fonológica e a entrevista. Esses instrumentos foram aplicados a vinte e quatro crianças; doze meninos e doze meninas, quatro em cada faixa etária conforme descrito anteriormente. Por outro lado, os resultados referentes aos vinte e quatro responsáveis decorreram da análise das entrevistas.

:: QUANTO À DESPISTAGEM:

Todas as vinte e quatro crianças submetidas a despistagem fonética/fonológica-REALFA, apresentavam distúrbios articulatórios na conduta motora oral. Essa verificação permitiu-nos atingir o propósito do primeiro objetivo.

:: QUANTO À ENTREVISTA E A CAIXA COM BRINQUEDOS:

Para identificarmos que as crianças participantes do estudo fornecessem indicativos da construção do gênero, nosso segundo objetivo específico; recorremos à entrevista e à caixa com brinquedos. Esclarecemos que na aplicação do segundo instrumento formulamos a primeira pergunta, e logo após, apresentamos a caixa com os brinquedos. Isso porque os brinquedos apoiavam as demais perguntas da entrevista. Na seqüência, formulamos as demais questões.

Assim, iniciamos perguntando qual o brinquedo que a criança mais gostava de brincar e porquê: quatro meninos optaram pela bola, dois pelos bonecos, dois pelo carrinho, três pela bicicleta e um por bichos de plástico justificando, entre outras respostas que: “[...] *bom ser jogador, ser rico*”.; “[...] *meus bonecos são fortes, mandam*.”;

“[...] porque eu faço coleção que nem o meu pai.”; “[...] fico apostando corrida [...] quem ganha escolhe a brincadeira e manda nela.” Três meninos não conseguiram justificar as suas escolhas.

Já entre as meninas, todas souberam justificar suas escolhas; nove citaram as bonecas como seu brinquedo favorito e entre as respostas tivemos: “[...] eu cuido e posso fazer tudo sozinha”; “[...] pode fazer muita coisa [...]”; duas elegeram a casinha “[...] porque pode fazer tudo, gritar e botar de castigo.”; “Fica tudo juntinho lá.” e uma a bicicleta, dizendo que: “Porque é bom.”

O carrinho foi o brinquedo escolhido por parte expressiva dos meninos e a boneca por quase todas as meninas. Esses resultados tendem a se aproximar daqueles encontrados por Spinelli (2003), quando investigou a construção de gênero a partir de estereótipos culturais, averiguando quais os brinquedos e brincadeiras apontados pelas crianças como masculinos ou femininos. Para os meninos foram indicados: bicicleta; carrinho; bola; bola de gude; pião e videogame, ao passo que para as meninas a indicação foi para: boneca; Barbie; casinha; patinete e patins.

Com relação à observação na escolha dos brinquedos contidos na caixa; a primeira escolha dos doze meninos foi: nove para o carrinho, dois para o telefone celular e um para a boneca. Em relação às meninas, dez elegeram primeiramente a boneca e duas o telefone celular. Nenhuma menina escolheu o carrinho como primeira opção.

A preferência das meninas para as bonecas e dos meninos para o carrinho encontra respaldo na literatura pesquisada. Spinelli (2003) e Romero, Dutra e Oliveira (2003) elucidam que esse fato acontece porque a sociedade, através de seus mecanismos familiares ou institucionais, impõe às crianças o que elas devem ou não escolher como adequado ao seu sexo.

Ao questionarmos quais desses brinquedos a

criança escolheria para brincar, os dados para os meninos foram: carrinho e o telefone celular (quatro); só o carrinho (três); um menino virou a caixa toda, mas só pegou o telefone celular. Tivemos três meninos que selecionaram todos os brinquedos e um escolheu o carrinho e a boneca.

Com relação às meninas, quatro indicaram a boneca e o telefone celular, quatro só a boneca e as outras quatro tiraram todos os brinquedos da caixa. Dentre essas últimas, duas viraram a caixa toda.

Quando perguntamos aos meninos o porquê de não terem escolhido os brinquedos que ficaram na caixa ou o porquê da escolha de todos, as respostas que mais nos chamaram atenção foram: “[...] não posso.”; “[...] meu pai não deixa [...]”; “[...] boneca é de menina.”; “[...] eu não brinco de boneca. Não sou mulherzinha.”. Dois meninos não souberam responder o porquê de terem escolhido todos os brinquedos.

Quanto às meninas que não escolheram o carrinho, essas justificaram a decisão dizendo que: “[...] não gosto.” Uma delas ainda acrescentou: “[...] carrinho é chato.” Algumas deixaram na caixa o carrinho e o telefone celular porque: “[...] carrinho é de menino, minha mãe já disse.”; “Não posso brincar, de carrinho, não.” Entre as que apanharam todos os brinquedos, temos: “[...] porque tudo é brinquedo.” Somente uma não respondeu mesmo diante de nossa insistência.

Os depoimentos exemplificam como as crianças escolhem seus brinquedos aceitando o que lhes fora transmitido por seus pais. Segundo Romero (1995) é na família que se inicia o processo de generificação, competindo aos pais a decisão sobre quais atitudes são adequadas ou não a seus filhos, segundo o sexo.

Tanto os meninos quanto as meninas demonstraram em suas falas que conhecem a limitação imposta pelos seus responsáveis no manuseio aos brinquedos do sexo oposto. Por conta da seleção

do dominante e do dominado, a sociedade vem estabelecendo, sob influência da cultura, papéis sociais diferenciados para homens e mulheres. Louro (2001, p.40) assinala que “o poder não apenas nega, impede, coíbe, mas também faz, produz, incita”. Ele se instala dentro de uma relação de um ser mais fraco que se deixa reprimir pelo outro mais forte.

Na seqüência, indagamos se na opinião das crianças existem brinquedos para meninos e para meninas e porquê. Dez meninos disseram que sim. Entre as falas destacamos: “[...] *minha mãe falou.*”; “[...] *tem boneca e tem boneco, minha mãe falou.*”; “[...] *a minha mãe só compra bonecas para a Duda e quando eu fico perto, a minha avó não gosta e o meu pai grita.*”; “[...] *Minha mãe e o meu pai disse.*”; “[...] *aqui (na escola) eu tenho que separar na caixa certa.*” Dois responderam que não sabiam.

A escola desempenha um papel importante no processo de socialização iniciado no ambiente familiar, permitindo a manifestação ou consolidando os estereótipos de gênero. No entender de Pereira (2004) a escola, em seu cotidiano, como instituição detentora das funções educacional e de formação social, produz e reproduz ações que separam e demarcam o que é considerado socialmente como pertencente ao mundo feminino e ao mundo masculino.

Outro ponto emergente é abordado por Romero (1990) ao dizer que a criança cresce comportando-se de acordo com os padrões culturais e históricos dentro dos quais é educada. O papel sexual que vai desempenhar será punido ou reforçado, segundo a cultura e o contexto social no qual ela está inserida.

Por outro lado, seis meninas disseram que existem brinquedos de meninos e de meninas. Entre as argumentações sublinhamos as mais expressivas: “[...] *Carrinho não é de menino? Minha mãe disse.*”; uma que “[...] *minha mãe fala que é só sa-*

ber escolher.”; e outra que: “[...] *minha mãe falou pra vó não trazer mais bola que é de menino.*” Três não consideram que existem brinquedos para meninos e para meninas dizendo que: “[...] *Não, são só brinquedos, minha mãe disse.*”; “[...] *A mamãe não se importa se eu escolho os brinquedos do Felipe.*” e “[...] *Não. Minha mãe não me disse isso.*” Três disseram que não sabiam.

À medida que as crianças apresentam em suas respostas que existem brinquedos para meninos e para meninas, observamos que a família, a escola e a sociedade em geral acabam por persuadi-las a tal escolha, caracterizando neste contexto os brinquedos como instrumentos socializadores das diferenças sexuais.

Estamos constantemente sendo monitorados a respeito dos nossos papéis na sociedade. Pereira (2004) explana que tentamos ser como o “outro” nos vê. Precisamos dos parâmetros do nosso grupo social para nos inserirmos e permanecermos nele.

CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONSÁVEIS E RESULTADOS EM RELAÇÃO À ENTREVISTA:

Participaram da investigação vinte e quatro responsáveis, de ambos os sexos, sendo quatro pais, todos respondentes por meninos, dezessete mães, duas avós e uma tia. A idade dos responsáveis pelos meninos oscilou entre vinte e sete e quarenta e seis anos. Em relação às meninas, a idade da responsável mais jovem foi vinte e quatro anos e a mais velha sessenta anos.

A escolaridade dos responsáveis por meninos foi diversificada; nove têm terceiro grau completo, um terceiro grau incompleto, um segundo grau completo e um primeiro grau incompleto. Quanto aos responsáveis por meninas seis têm terceiro grau completo, um terceiro grau incompleto, qua-

tro o segundo grau completo e uma o primeiro grau incompleto.

Caracterizados os respondentes passamos a dispor os resultados obtidos na entrevista. A primeira pergunta indagava qual o brinquedo preferido da criança. Os dados revelaram que os responsáveis por meninos citaram: carrinho, bola, livro sobre animais, vídeo game e bicicleta. Os responsáveis pelas meninas foram quase unânimes em mencionar a boneca; somente uma única mãe indicou a bicicleta.

A segunda pergunta questionava se esses adultos achavam que existiam brinquedos para meninos e para meninas. Entre os vinte e quatro respondentes, dezenove disseram que sim, e algumas justificativas foram: “[...] *pela educação que tive sim.*”; “[...] *bola é pra menino, boneca pra menina, assim que eu aprendi.*”; “[...] *Menino que brinca com boneca fica feio.*”; “[...] *os brinquedos estimulam de forma diferente [...]*”. Cinco acreditam que não há esta diferença; como exemplificamos: “[...] *Tudo deve ser para brincar pois estimula melhor a criança.*”; “[...] *pelo menos na minha infância não tinha.*”; “[...] *acho que é de acordo com o interesse e a idade e não com o sexo.*”

Os depoimentos dos entrevistados demonstram que a sociedade através de seus mecanismos familiares ou institucionais, impõe o que as pessoas devem ou não decidir. Assim, de acordo com o senso comum estabelecido, carrinhos e bolas são mais adequados para os meninos ao passo que boneca e casinha são mais apropriadas para as meninas. Este ponto de vista vai ao encontro dos resultados do estudo de Spinelli (2003) revelando que as crianças são educadas e formadas para aceitarem as regras consideradas adequadas ao seu sexo devendo apresentar condutas pertinentes a este.

Dando suporte a esses resultados, Romero (1990) relata que a transmissão de valores anco-

rados historicamente se dá, especialmente, através do convívio social, ou seja, os adultos responsáveis pela educação das crianças repassam o que aprenderam na sua socialização.

Todos os responsáveis por meninos reconheceram que a criança fala errado e conseguiram exemplificar a dificuldade da fala, coincidindo com os resultados da despistagem fonética/fonológica. Entre as justificativas temos: “[...] *O menino tem que ser capaz [...]*”; “[...] *ele é forte, não dá pra ficar falando como um fracote.*”. Com relação às meninas cinco responsáveis não identificaram alterações na fala da criança e, conseqüentemente, não conseguem exemplificar, embora também tenham justificado que: “[...] *Ela fala de um jeitinho meigo.*”; “[...] *fala que nem eu falava, parece até um sotaque, é muito fofo.*”; “[...] *Ela é muito pequena e sensível [...]* e é tão bonitinho”.

Esses achados revelam que não há igual preocupação quando se trata dos distúrbios articulatórios em meninas. Os responsáveis entrevistados contrariam as recomendações de Beals (1997), para quem o estímulo da conversação em família é importante para a aquisição de vocabulário e de sua correta produção. Esse tratamento diferenciado para meninos e meninas com distúrbios articulatórios nos remete aos estereótipos.

Romero (1990) estudou os estereótipos de gênero revelando os seguintes adjetivos como adequados ao sexo masculino: agressivo; ativo; autoritário; capaz; forte entre outros. Os adjetivos femininos foram: atraente; decidia; meiga; sensível; responsável e vaidosa. Ora se os responsáveis entendem que o menino não pode falar errado porque tem que ser forte, e em contrapartida, a menina tem autorização porque é sensível, a situação nos leva a inferir que as questões de gênero pesam na decisão dos responsáveis na decisão de levar prioritariamente o menino a buscar auxílio pela Fonoaudiologia.

Os estereótipos de gênero presentes nas justificativas dos entrevistados encontram também respaldo na pesquisa de Pereira (2004), na qual, a autora relata que historicamente, ser mulher é sinônimo de fragilidade, docilidade, passividade. Enquanto, ser homem é ser forte, ativo, ter domínio da situação.

Na questão que indagava se já houve sugestão para a criança fazer avaliação fonoaudiológica, vinte e três responsáveis disseram que sim e somente um que não. No que diz respeito à iniciativa de levar para avaliação fonoaudiológica, independentemente de solicitação, a decisão partiu da própria família em nove respondentes por meninos e somente em um responsável por menina. Os demais respondentes, tanto por meninos quanto por meninas, apontaram a escola como instituição que sugeriu a busca pela avaliação fonoaudiológica.

É possível para os responsáveis observarem diferenças entre a conduta motora oral dos meninos e das meninas. Contudo, quando esta fala encontra-se comprometida, há maior relevância ao fato se a criança é de sexo masculino.

A construção sócio-cultural do corpo masculino e feminino igualmente foi diferenciada quanto ao tempo de busca pelo auxílio da Fonoaudiologia. O fato de as justificativas apontadas para os meninos diferirem das meninas fornece fortes indícios dos corpos generificados, e os resultados ilustram essa tendência posto que todos os responsáveis por meninos levaram suas crianças imediatamente após a indicação, no prazo entre um até seis meses. Em contra partida, os resultados para as meninas foram diversificados; cinco foram levadas imediatamente após a indicação, no prazo entre um até seis meses; cinco demoram um pouco, mais de seis meses e dois responsáveis não levaram as meninas para avaliação fonoaudiológica, embora houvesse recebido indicação.

A manifestação dos responsáveis é

generificada ao indicar, prioritariamente os meninos para receberem auxílio fonoaudiológico, e encontra-se em estreita relação com o grau de escolaridade dos mesmos. Quanto o maior grau de escolaridade, a tendência a buscar mais precocemente auxílio da Fonoaudiologia também é maior.

No intuito de desvelar se os responsáveis priorizariam o menino ou a menina na busca de auxílio fonoaudiológico, perguntamos: “caso você tivesse um filho e uma filha, gêmeos, ambos precisando de atendimento fonoaudiológico, com a mesma dificuldade na fala, mas só pudesse pagar para um de cada vez, quem você escolheria primeiro para iniciá-lo?”. As respostas, embora nos levassem a aceitar a hipótese de que a preferência recaia para os meninos, nos surpreenderam, tanto pelo número de indicações para o sexo masculino quanto pelas justificativas que foram dadas.

Dez responsáveis prontamente disseram que seria o menino. Algumas das justificativas que privilegiaram o filho homem foram: “*Tinha que ser o menino pra depois não ficar com dificuldade, dificuldade com emprego, na vida né.*” (avó 60a); “[...] *menino não pode ficar falando tudo atabalhado como se fosse um [...] deixa pra lá.*” (mãe 35a); “[...] *por ser menino precisa mais de estímulo [...]*” (pai 32a); “*Não é fácil ficar ouvindo ele falar tipo bebezinho [...], não é bem aceito pelo meio.*” (pai 35a).

Apenas um elegeu a menina para ser levada primeiro; sua mãe (24a) argumentou que: “*Ela não pode ficar falando assim e os outros não entenderem nada.*”.

Quatro optaram que o tratamento fosse iniciado com quem precisasse mais, as respostas significativas davam conta que: “[...] *e é bem provável que seria o menino que está sempre mais atrasado em tudo [...]*” (mãe 40a); “[...] *e o menino geralmente apresenta mais dificuldade.*” (pai 46a).

Três elegeram o mais velho; outros três, revelando um tratamento igualitário, responderam que: [...] *os dois iam juntos ou se não, não ia nem dormir.*” (mãe 29a); “[...] *eu não faria isso não. Eu ia procurar até poder dar pros dois ao mesmo tempo.*” (pai 44a) [com lágrimas nos olhos]. Três dos respondentes, embora insistíssemos não se posicionaram alegando ser uma escolha impossível.

Alguns responsáveis citam que percebem diferença entre a fala dos meninos e das meninas e que por isso eles devem ser mais estimulados. Reportando-nos à literatura, Biddulph (2002) esclarece que: como medida de prevenção, os meninos devem ser mais estimulados porque eles são predispostos a se expressarem oralmente de forma mais restrita, podendo até comprometer a sua expressão oral.

A última pergunta questionava sobre qual a importância de uma fala correta em meninos e em meninas de acordo com uma escala sugerida. Os dados apontaram que: dezoito responsáveis disseram que uma fala correta é igualmente importante para ambos os sexos. Os outros seis respondentes acreditam que é mais importante o menino falar corretamente. Nenhum dos entrevistados apontou que é mais importante a menina falar corretamente.

CONCLUSÕES

O estudo permitiu aceitar a hipótese substantiva de que as questões de gênero influenciam na decisão dos responsáveis por crianças de 4 a 6 anos, com distúrbios articulatórios, na conduta motora oral, buscarem auxílio da Fonoaudiologia prioritariamente para os meninos. Essa diferenciação por sexo encontra-se na relação direta do grau de escolaridade de quem toma essa decisão.

Os responsáveis por meninos, não somente buscam auxílio da Fonoaudiologia num menor período de tempo, como também, a iniciativa por

essa busca, na expressiva maioria das vezes, parte da própria família. Entre os vinte e quatro entrevistados, dezoito acreditam que falar corretamente é importante para ambos os sexos. No entanto, seis se manifestaram elegendo o menino como escolha prioritária. Curiosamente nenhum julgou que é mais importante a criança do sexo feminino do que a do sexo masculino, falar corretamente.

Os dados sugerem aceitar as palavras de Mondin (1980), sustentando que o Homem, além de ser natural, é cultural. Assim sendo, são transformados em homens e mulheres através das relações de gênero conforme aponta Saffiotti (1992).

Os resultados sinalizam ainda a robusta e privilegiada possibilidade da efetiva contribuição da escola, particularmente na pessoa do professor de Educação Física, durante as aulas de atividades físicas recreativas, onde os alunos experimentam uma multiplicidade de comportamentos ao trabalharem sua corporeidade, contribuir encaminhando as crianças, que em sua percepção apresentam alterações na fala, às instâncias devidas para que elas recebam auxílio da Fonoaudiologia.

As atividades físicas recreativas permitem às crianças vivenciarem a tomada de decisões, a criatividade, a coragem, a audácia, superar desafios, questionar ou aceitar os resultados além de contribuir para o desenvolvimento da motricidade fina infantil, como por exemplo a fala, área de particular interesse da Fonoaudiologia.

O presente estudo, ao que tudo indica um trabalho pioneiro, procurou fazer uma articulação entre os pressupostos da Ciência da Motricidade Humana, especificamente as questões de gênero e a Fonoaudiologia, pois a fala segundo Merleau-Ponty (1999), é um dos possíveis usos do corpo. Assim, os distúrbios na conduta motora oral, que são expressos pelo corpo suscitam a integração de uma responsabilidade compartilhada entre as duas ciências.



The express body for the oral motor behavior: a gender issue.

Abstract: The aim of this study was to verify if gender issues influence 4 to 6 years children responsible decision, with speech disorders, on their verbal motor behavior, to search Speech and Language Pathology. The methodology was focused on phenomenological paradigm, making use of the qualitative approach. Forty-eight subjects participated of the inquiry, being twelve boys, twelve girls and twenty-four responsible ones. The instruments with children were a phonetic/phonological speech test, an interview on gender construction followed by a box with toys and an interview with one of their respective responsible. The speech test revealed that all the evaluated children presented speech disorders, on their verbal motor behavior. The interview followed by the box with toys indicated that they culturally chose toys adjusted to their sex. The results had also disclosed that the responsible for the children of the study are influenced by gender issues to search Speech and Language Pathology assistance priority and predominantly for boys. This sends us to the school, mainly, when the physical activities allow Physical Education teacher to contribute on the students corporal image formation and also favor the development of the infantile fine motricity.

Key-words: Motor behavior – Gender – Speech and Language Pathology – Speech disorders - Physical Education

REFERÊNCIAS

- BEALS, D.S. **Sources of support for learning words in conversation:** evidence from mealtimes. *J. Child. Lang.*; 24: 673-94, 1997.
- BELOTTI, E. G. **Educar para a submissão.** O descondicional da mulher. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BERESFORD, H. **Valor:** Saiba o que é. Rio de Janeiro: Shape, 2000.
- BERESFORD, H; ALMEIDA, A.C.T; SILVA, I.L; ROMERO, E. Percebendo o corpo que aprende: considerações teóricas e indicadores para avaliação da linguagem não-verbal de escolares do primeiro ciclo do ensino fundamental. **Revista Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação.** Rio de Janeiro, n° 45, v. 12, p. 995-1012, out/dez 2004.
- BELTRÃO, F.B.; BERESFORD, H; MACÁRIO, N.M. **Produção em Ciência da Motricidade Humana.** 2. ed. Rio de Janeiro: Shape, 2002.
- BIDDULPH, S. **Criando meninos.** São Paulo: Fundamento Educacional, 2002.
- FARIA, R. E. A. de. **Padronização do exame fonético/fonológico.** Buenos Aires, 1994, 121 f. Tese (Doutorado em Distúrbios da Comunicação), Universidad del Museo Social Argentino.
- GAMBOA, S. S. Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. *In:* SANTOS FILHO e GAMBOA (Org.). **Pesquisa educacional:** quantidade-qualidade. São Paulo: Cortez Editora, 1995. p. 84-111.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MONDIN, B. **Introdução à filosofia:** problemas, sistemas, autores, obras. 6. ed. Tradução: J. Renard. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.
- PEREIRA, S. A. M. **O sexismo nas aulas de educação física:** uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras. Rio de Janeiro, 2004, 182 f. Tese (Doutorado em Educação Física), Universidade Gama Filho.
- ROMERO, E. **Estereótipos masculinos e femininos em professores de educação física.** São Paulo, 1990, 407 f. Tese (Doutorado em Ciências), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- _____. A arquitetura do corpo e a produção do conhecimento. *In:* **Corpo, mulher e sociedade.** Campinas: Papirus, 1995. p. 235-70.
- ROMERO, E; DUTRA, F. B.S.; OLIVEIRA, E.M. Brinquedos, brincadeiras e esportes: Quem pode participar? Um estudo sobre relações de gênero. **FIEP BULLETIM.** Foz do Iguaçu. V. 73, special edition, article. p. 339-342, 2003.

SAFFIOTTI, H. I. B. Rearticulando gênero e classe social. *In: OLIVEIRA e BRUSCHINI (Orgs.). Uma questão de gênero.* Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1992. p.183-215.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n° 20, p. 71-99, jul/dez 1995.

SILVÉRIO, K. C. A. *et al.* Descrição da ocorrência dos fonemas da língua portuguesa em pré-escolares da rede pública e privada de ensino da cidade de São Paulo. *In: MARCHESAN, I.Q. Tópicos em fonoaudiologia II.* São Paulo: Lovise, 1995. p. 37-48.

SPINELLI, N. C. **Posso brincar? Brincadeira de menino ou de menina?** Brinquedo e brincadeira um estudo de gênero, na perspectiva da motricidade humana. Rio de Janeiro, 2003. 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade Humana), Universidade Castelo Branco.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

YAVAS, M.; HERNANDORENA, C. L.M. & LAMPRECHT, R.R. **Avaliação fonológica da criança.** Reeducação e terapia. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

Recebido em: 09/05/2005

Reformulado em: 15/09/2005

Aprovado em: 16/09/2005

Julia Gonçalves Feitosa
Av. Prof. Dulcídio Cardoso, 1640, bl. 1 ap. 1101
Barra da Tijuca - Rio de Janeiro - RJ - CEP
22631-050 E-mail: jgf@rjnet.com.br

Elaine Romero
Av. Embaixador Abelardo Bueno, 3000, bl. 5 ap.
704 Barra da Tijuca - Rio de Janeiro - RJ - CEP
22775-040 E-mail: eromero@terra.com.br /
eromero@recreio.castelobranco.com.br